

O que é a História da Educação no Brasil hoje? Tempos de reflexão¹

What is the History of Education in Brazil today? Time of Reflection

Maria Helena Camara Bastos

e-mail: mhbastos@puccs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brazil

Resumo: O artigo reflete sobre a História da Educação no Brasil como disciplina acadêmica assinalando a redução gradativa nos currículos do curso de graduação em Pedagogia e a sua ampliação nos cursos de pós-graduação em Educação, decorrente da expansão significativa da pesquisa na área, em termos nacionais, a partir dos anos 1970. A crítica interna do campo da pesquisa tem sido operada por meio de balanços da produção, em estudos sobre a historiografia da disciplina, nas escolas normais, nos cursos de graduação e na pós-graduação em educação. Evidencia que apesar do hiato entre a pesquisa e o ensino, os campos são indissociáveis. Assinala o profícuo diálogo com a historiografia da História e da História da Educação, em termos nacionais e internacionais, assim como, a diversidade de temas e abordagens teórico-metodológicas, que decorre da formação multidisciplinar dos pesquisadores que produzem na área. Elenca alguns desafios que se apresentam ao campo, diante do crescente processo de internacionalização da pesquisa, na perspectiva de maior visibilidade dos pesquisadores brasileiros em publicações estrangeiras, quantitativa e qualitativamente.

Palavras-chaves: História da Educação; pesquisa; ensino; estado do conhecimento; sociedades científicas.

Abstract: The article reflects on the History of Education in Brazil as an academic discipline signaling the gradual reduction in the curriculum of the degree in Pedagogy and its expansion in postgraduate courses in Education, due to the significant research expansion in the area, at a national level, from the year 1970. The research field of internal criticism has been operated through balances of production in studies on the history of the discipline, in normal schools, undergraduate and graduate education. It shows that, despite the gap between research and teaching, the fields are inextricably linked. It marks the fruitful dialogue with the historiography of History and History of Education, in national and international terms, as well as the diversity of themes and theoretical and methodological approaches, which stems from the multidisciplinary training of researchers who produce in the area. It lists some challenges facing the field, before the growing process of internationalization of research, for a greater visibility of Brazilian researchers in foreign publications, both quantitatively and qualitatively.

Keywords: History of Education; research; education; state of knowledge; scientific societies.

Recibido / Received: 08/01/2016

Accepted / Accepted: 23/01/2016

¹ Este artigo resulta de inúmeros trabalhos publicados sobre o tema, individual ou coletivamente. Destaco especialmente: Bastos (2002, 2005, 2006, 2009, 2011); Bastos & Almeida (2013).

Cada lugar é, a sua maneira, o mundo... (...) Mas, também cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade (Santos, 2006).

O desafio da pergunta – O que é a História da Educação hoje? – remete imediatamente a pensá-la em uma perspectiva nacional. Apesar da simplicidade da questão, a resposta é complexa e sempre provisória, especialmente pela expansão e ampliação dos espaços de produção do conhecimento, em âmbito internacional².

Para Duby (1998), o historiador tem o dever de não se fechar no passado e de refletir assiduamente sobre os problemas de seu tempo e de sua disciplina. Pensando no campo da História da Educação no Brasil, o incremento da área tem levado à necessidade de uma crítica interna em inúmeros balanços dos estudos e pesquisas³, na perspectiva *do processo de construção da memória e do conhecimento educacional e escolar*⁴.

No Brasil, a história da disciplina História da Educação não se dissocia da Escola Normal⁵. A primeira escola normal é criada em 1835, mas perdura somente por dez anos. A partir da segunda metade do século XIX, amplia-se a oferta, mas é no século XX que ocorre sua expansão. Poucas escolas tinham em seu currículo a disciplina História da Pedagogia. A partir de 1946, com a Lei Orgânica do Ensino Normal, passa a ser disciplina obrigatória. No Ensino Superior, o curso de Pedagogia é criado em 1939 e a disciplina História e Filosofia da Educação passa a ser ministrada como obrigatória.

Com a expansão da pós-graduação no Brasil, a área se ampliou a partir dos anos 1970⁶. Podemos citar várias ações que contribuíram para a sua expansão: criação do Grupo de Trabalho (GT) História da Educação, na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação/ANPEd, em 1984; a disseminação de grupos de pesquisa vinculados ao Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR), coordenado por Dermeval Saviani, desde 1986; a fundação da Associação Sul Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação/ASPHE (1995); a fundação da Sociedade Brasileira de História da Educação/SBHE, em 1999, tendo se filiado à Association internationale pour l'histoire de l'éducation/ISCHE em 2000; a constituição de grupos de pesquisas nos programas de pós-graduação e de centros de memória da educação em vários estados brasileiros; a publicação de periódicos (Revista História da Educação,

² Pode-se citar um exemplo: Hernández, Cagnolati, Diestro (2015).

³ Nas referências bibliográficas estão referidos vários balanços realizados a partir dos anos 1990.

⁴ Sobre, ver Bastos (2011b).

⁵ Sobre, ver Bastos (2011a).

⁶ É importante assinalar que a primeira tese sobre História da Educação Brasileira foi apresentada na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1943, por José Querino Ribeiro. Sobre, ver Tanuri (1998), Bontempi (2002).

ASPHE/1996)⁷; Revista Brasileira de História da Educação, SBHE/(2001)⁸; Cadernos de História da Educação, UFUB-Uberlândia/2002)⁹; Revista eletrônica da HISTEDBR, 2000)¹⁰; a realização de inúmeros congressos – nacionais e internacionais¹¹; a publicação de livros, coleções. Por último, cabe citar a recente criação do GT História da Educação (2015) e da revista eletrônica História e Historiografia da Educação (2016)¹², na Associação Nacional dos Professores Universitários de História/ANPUH, criada em 1961, o que reflete uma mudança de perfil da formação dos pesquisadores da área.

A expansão e consolidação do campo pode ser avaliada pela presença da disciplina História da Educação nos currículos dos Programas de Pós-Graduação em Educação, no período de 2000 a 2009. Horta (2012), apoiado em dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES, constata uma significativa ampliação do ensino da disciplina, passando de 74 disciplinas ministradas em 55 programas, para 174 em 93 programas, representando um aumento de 234% e 60%, respectivamente. Cabe assinalar que a mesma é ministrada somente na área de Educação, sendo optativa para demais programas. Os Programas de Pós-graduação em História não têm essa disciplina ofertada.

Quadro 1. A disciplina História da Educação nos currículos dos Programas de Pós-Graduação em Educação (2002-2009)

Ano	Disciplinas	Programas	Nº Disc/Progr
2000	74	55	1,3
2005	149	77	1,9
2009	174	93	1,9

Fonte: CAPES (Horta, 2012, p. 125)

Contraditoriamente, no entanto, a disciplina tem perdido espaço nos cursos de Pedagogia, tanto na redução do número disciplinas ministradas, como de carga horária nos cursos de formação de professores para as séries iniciais do ensino fundamental (1º a 6ª série). Os cursos de licenciaturas, que formam professores para as séries finais do ensino fundamental e para o ensino médio, não têm essa disciplina, em sua maioria¹³. Escolano Benito (1994, p. 56), Borges

⁷ <http://www.seer.ufrgs.br/asphe>

⁸ <http://www.sbhe.org.br/>

⁹ <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/>

¹⁰ <http://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/index.php/histedbr/index>

¹¹ Os Congressos Brasileiros de História da Educação, a partir de 2000; os Luso-brasileiros, desde 1996; Iberoamericanos, desde 1993; os Seminários HISTEDBR, desde 1991; os Encontros Sul-Riograndenses de Pesquisadores em História da Educação/ASPHE, desde 1995.

¹² www.ser.ufpr.br/rhhe

¹³ Algumas universidades oferecem como optativa para os demais cursos de licenciaturas. Como disciplina obrigatória para todos os cursos de licenciaturas, pode-se citar a UNILASALLE (Canoas/RS), que desde 2002 a ministra, com a carga horária de 60 a 72 horas-aula.

e Gatti (2010, p. 25) também constata «um estado de crise da História da Educação como disciplina formativa», fenômeno constatado tanto em âmbito nacional como internacional¹⁴.

Essa «crise» decorre, em parte, do fato de que os que pesquisam na área não necessariamente ministram a disciplina nos cursos de graduação. Além disso, a formação acadêmica dos professores da disciplina é oriunda em sua maioria dos Cursos de Pedagogia (45%), História (30%), Filosofia (9,5%), Ciências Sociais (5,5%) e outras (10%); sendo o doutoramento com concentração na área de Educação (69%), em História somente 18% (Borges, Gatti, 2010, p. 30).

Poderíamos afirmar que há um hiato entre a pesquisa e o ensino, de que a pesquisa tem se desenvolvido à margem da docência. No entanto, como afirma Nunes (2011), são campos indissociáveis. Observa-se uma preocupação crescente com a questão, a partir dos eventos da área, em que ensino da disciplina está sempre presente como eixo temático. Nesse aspecto, cabe a pergunta: que resultados têm trazido para a disciplina de História da Educação nos cursos de graduação a significativa produção da pesquisa na área? Qual a inserção das obras recentemente publicadas na bibliografia da disciplina na graduação? Como temos contribuído para romper com a visão disciplinar cronológica e tradicional, com ênfase na história das ideias pedagógicas? Como temos estabelecido um diálogo com a Graduação e buscado atender o tão diversificado «público em formação»? (Bastos, Bencostta, Cunha, 2005). Em que medida, o discurso historiográfico da educação contribui ainda para uma pedagogização da história da educação, como propedêutica necessária à formação docente e para a construção de teorias educativas, conforme nos coloca Escolano (1997, p. 55)?

Nunes e Carvalho (1993, p. 10) colocam que, para entender como o campo da história da educação é produzido, devemos ter duas preocupações associadas: o conteúdo dessa história e a organização institucional que lhe dá suporte, «já que o exame dos produtos não exclui a análise dos lugares e das práticas que os instituíram». Assim, é importante o mapeamento dos grupos de pesquisa e dos pesquisadores, com uma análise da sua produção individual e coletiva. Por exemplo, fazendo uma busca pelo Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq¹⁵ (ago. 2015), com o descritor *história da educação* constam 461 grupos cadastrados; com o descritor *cultura escolar*, são 183; *história da escola*, 133, e assim por diante. Quem são, afinal, os «novos» historiadores da educação brasileira? Identificar quem produz e orienta na área, possibilita uma análise geracional e uma análise da modelagem teórico-metodológica da produção de pesquisa (prosopografia), a qual ainda está para ser feita. Em 1999, a Associação Nacional de Pós-Graduação e de Pesquisa em Educação/ANPEd editou a obra

¹⁴ Para Portugal, ver Martinho (2000); para Espanha, ver Viñao Frago (2003); para Argentina, ver Ascolani (2008).

¹⁵ CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

«Quem pesquisa o quê em Educação», na qual repertoriava os pesquisadores no ano de 1998 (Velloso, 1999)¹⁶. No Grupo de Trabalho História da Educação constou aproximadamente 20 referências, mas que já não representava o universo da área. Passados quase 30 anos, um repertório dessa natureza somente para a área de História da Educação seria uma tarefa hercúlea¹⁷.

Os balanços realizados da produção na área sinalizam que essa se concentra na região Sudeste e Sul do País (70%), onde também estão a grande maioria dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, seguida da região Nordeste, Centro-oeste e, por fim, Norte. Apontam ainda para uma diversidade de temas e abordagens teórico-metodológicas. Lopes e Galvão (2001, p. 33) tributam esse fato à diversidade de formação dos pesquisadores que produzem na área. Também Vidal e Faria F^o (2003, p. 37) analisam que a identidade do pesquisador em História da Educação é *multifacetada e plural*, embora as pesquisas tenham demonstrado uma presença mais significativa dos historiadores de formação e de ofício nas pesquisas da área, abrindo o campo epistemológico para além das abordagens macroscópicas e generalizantes. Ragazzini (1999, p. 34) considera que se «trata de perda de um centro temático unificante e definido, seja da clareza ainda insuficiente dos quadros interpretativos». Chama a atenção de que «o problema da variedade das pesquisas e da possível dispersão temática é o mais aparente, mas, na realidade, o menos relevante. O mais importante é a necessidade de uma historiografia e de uma teoria histórica diferenciada da educação como variável social».

Essa superlativa ampliação e institucionalização do campo e da produção de conhecimento na área – variada, plural, heterogênea¹⁸, fragmentária¹⁹, polifônica –,

¹⁶ Para cada pesquisador, o repertório trazia a titulação, áreas de interesse, projetos de pesquisa, publicações.

¹⁷ No VII Congresso Brasileiro de História da Educação realizado na Universidade Estadual de Maringá/Paraná, de 29 de junho a 2 de julho de 2015, p.p., ocorreram 37 mesas coordenadas com 169 participantes; 91 sessões de comunicação individual com 687 trabalhos apresentados. No XI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação, a ser realizado em junho de 2016, p.v. na Universidade do Porto/Portugal, foram submetidos 995 trabalhos, sendo quase 90% de pesquisadores brasileiros.

¹⁸ Para uma amostragem da heterogeneidade de temas das pesquisas em história da educação no Brasil, tomo os eixos temáticos de dois congressos da área. O VII Congresso Brasileiro de História da Educação realizado na Universidade Estadual de Maringá/Paraná, de 29 de junho a 2 de julho de 2015, p.p., com dez (10) eixos: Estado e Políticas na História da Educação Brasileira; Etnias e movimentos sociais na História da Educação; Fontes e métodos em História da Educação; História da Educação das crianças, jovens e adultos no Brasil; História da profissão docente; História das culturas e disciplinas escolares; História das Instituições e Práticas Educativas; Impressos, Intelectuais e História da Educação; Patrimônio educativo e cultura material escolar. No XI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação, a ser realizado em junho de 2016, na cidade do Porto/Portugal, foram elencados 9 eixos: Fontes, métodos e técnicas de investigação; Percursos da pesquisa: tendências metodológicas; Políticas e práticas educativas; Subsistemas (educativos) e instituições educacionais; Leitura, Cultura escrita e Cultura escolar; Agentes destinatários da Educação (professores, alunos e família); Pensamento pedagógico; Patrimônio, Museologia e Arquivo; Espaço(s) de intervenção da História da Educação.

¹⁹ Escolano (1997, p. 83) tem falado de «certa balcanização da investigação histórico-educativa». Nóvoa (2007, p. 20), comenta que há mais fragmentação do que diversificação, pela ausência de uma coordenação institucional e capitalização da pesquisa.

ao mesmo tempo em que enaltece aqueles que participam desse processo, também preocupa quanto à ressonância desse conhecimento. Em âmbito internacional, a significativa participação numérica de pesquisadores brasileiros evidencia a busca de constituição de grupos de pesquisa internacionais, decorrentes de estágios de formação e de pesquisa no exterior, do apoio das agências de fomento CAPES e CNPq, da circulação de professores visitantes, têm sido espaços privilegiados de construção e de ampliação do campo.

Compère (1995, p. 58), afirma que para «o reconhecimento de uma disciplina universitária ou um campo de pesquisa autônomo, deve-se, primeiramente, proceder a um inventário do conhecimento produzido». No entanto, há uma dificuldade decorrente das dimensões territoriais do País, para a constituição de repertórios de fontes e/ou bancos de dados, de espaços de preservação de documentos para o avanço dos estudos. Também há a necessidade de constituição de bancos de dados acessíveis via Internet, que facilitem ao pesquisador o acesso a repertórios de fontes documentais. O avanço da pesquisa na área sinaliza para uma ação urgente voltada à constituição de inventários de fontes local, regional e nacional, visando fundamentalmente a conservação, salvaguarda e preservação de uma memória da educação brasileira.

Em 2005, assinei que o diálogo com a produção da área de História era, ainda, muito reduzido, que havia um «isolamento endogâmico com respeito aos circuitos da História», como afirma Ascolani (2007)²⁰. Atualmente, essa afirmação não é mais possível. Cada vez mais observa-se a incorporação da produção historiográfica da História e de outras disciplinas das ciências humanas. Cabe assinalar, no entanto, que grande parte dos historiadores desconhecem a produção da área de História da Educação. Esse fato decorre, em parte, da formação dos pesquisadores em história da educação no Brasil, grande parte oriunda da área da Educação, diferente de outros países em que a formação é, majoritariamente, em História ou em Ciências da Educação, com um amplo espectro analítico. Dessa formação decorre outra tendência de nossa produção de pesquisa – estudos histórico-descritivos – faltando um adensamento analítico do campo, pela não apropriação das contribuições de outras áreas do conhecimento, especialmente, da história e da sociologia. Martins (2004, p. 15), assinala que a «historiografia contemporânea pode dar contributos decisivos para a história da educação, sobretudo na perspectiva das teorias culturais (críticas), da história intelectual, história social e história das mentalidades e das ideias». As fronteiras entre as áreas de conhecimento precisam ser menos herméticas e mais fluídas.

²⁰ Também na Argentina, Ascolani (2008, p. 6) assinala que, com raras exceções, «a historiografia proveniente dos âmbitos da História desconhece o produzido no circuito da docência-investigação da disciplina História da educação, empobrecendo suas possibilidades e enquanto constituição e interpretação do objeto de estudo». Ainda destaca que há uma tendência dos estudos de história da educação apoiarem-se em conceitos e procedimentos da sociologia da educação e da sociologia do poder.

O enfoque teórico das pesquisas na área é bastante diversificado e abrangente, mas reflete os avanços que têm sido desenvolvidos na pesquisa histórica. Horta (2012) e Buffa (2015), no balanço que fazem da produção na área, assinalam duas vertentes presentes na escrita da História da Educação Brasileira: «uma concepção dialética, tal como delineada pelas investigações levadas a efeito por Marx e Engels e que tiveram continuidade na obra de seus seguidores, com destaque para Lenin, Lukacs e Gramsci» (Saviani; Lombardi, 2001, p. 1), e o crescimento e predomínio das novas tendências historiográficas (Pierre Nora, Jacques Le Goff, Jacques Revel, Paul Ricouer, Michel de Certeau, Michel Foucault e outros), especialmente da História Cultural²¹ (Roger Chartier, Peter Burke, e outros).

No levantamento das referências bibliográficas dos artigos publicados na Revista Brasileira de História da Educação/RBHE (n. 1 a n. 21)²² e na revista eletrônica do Grupo de Estudos e Pesquisas «História, Sociedade e Educação no Brasil»/HISTEDBR (n. 1 a n. 36), de 2000 a 2009²³, realizado por Baía Horta (2012, p.137), em 105 artigos, é possível verificar os diálogos com a História e outras áreas, em âmbito internacional²⁴. No primeiro grupo da RBHE, observa-se a presença das novas tendências historiográficas, especialmente da História Cultural; no periódico da HISTEDBR uma concepção dialética.

Maria Teresa Santos Cunha (1999) analisa a fecundidade das relações entre História Cultural e História da Educação por promover um alargamento das possibilidades investigativas do historiador, indo muito além dos aspectos mais formais da educação, em «direção a outros campos do conhecimento, sujeitos e objetos até então inexplorados» (p. 41). Então, o que se vê é um diálogo cada vez mais próximo entre a História da Educação e História Cultural. Podemos dizer que aqui acabam-se as fronteiras (Fonseca, 2008), pois a primeira vale-se dos procedimentos metodológicos, conceitos e referenciais teóricos da segunda. Segundo Stephanou e Bastos (2005), «a crescente produção de uma História Cultural, o interesse pela linguagem vem mostrando que as relações econômicas e sociais não são anteriores às culturais, pois são campos de prática e produção

²¹ Para Chartier (1990), a história cultural pode ser definida pela conjugação de três elementos não dissociáveis: «uma história dos objetos em sua materialidade, uma história das práticas nas suas diferenças e uma história das configurações, dos dispositivos nas suas variações».

²² Na RBHE: Roger Chartier (38), Pierre Bourdieu (29), Antonio Nóvoa (27), Michel Foucault (27), Michel de Certeau (21), Antonio Viñao Frago (17), John Dewey (16), Edward Palmer Thompson (15), Jacques Le Goff (14), Eric Hobsbawm (13), Dominique Julia (13), Norberto Elias (10).

²³ Na revista eletrônica do HISTEDBR: Karl Marx (66 citações), Antonio Gramsci (38), Friedrich Engels (28), John Dewey (16), Jacques Le Goff (14), Pierre Bourdieu (14), Antonio Nóvoa (12), Roger Chartier (10), Mario Manacorda (9), Michel Foucault (8), Edward Palmer Thompson (8).

²⁴ A obra «Pensadores Sociais e História da Educação» (Lopes & Faria, 2005, 2012) tem o objetivo de «apresentar a forma como os clássicos das ciências humanas e sociais têm sido mobilizados/apropriados pelos pesquisadores da história da educação brasileira em seus respectivos campos de estudo» (1995, p. 7).

cultural» (p. 418). Portanto, a História Cultural sinaliza para a importância de se procurar compreender os diferentes processos educativos e escolares. «A história da educação como parte integrante da cultura de um povo, permite a compreensão da cultura escolar» (*Ibidem*, p. 418).

Ascolani (2007) critica a atração e predomínio da Nova História pelos pesquisadores em história da educação no Brasil, a ponto de deixar de ser uma linha inovadora para converter-se em uma vulgata, em uma nova «fé» nos referenciais teóricos e na institucionalidade que a acompanha²⁵. Assinala que, no Brasil, existe uma «identidade em formação, não cristalizada» dos pesquisadores em história da educação. No entanto, salienta que essa «identidade resultante do 'ofício' prevalece sobre o disciplinar, o que não favorece uma discussão intensa sobre o campo – interdisciplinar – sendo este fenômeno reforçado pela expansão horizontal da área». Também enfatiza que a produção historiográfica da educação está «modelada pelas trajetórias acadêmicas individuais que marcam as coletivas, em função da inserção e demandas institucionais». Isto é, «a geração que realizou pós-graduação, a partir das décadas de 1970-1980». Argumenta a necessidade de articular os diferentes aportes interdisciplinares que vêm enriquecendo o campo (Ascolani, 2008, p. 23).

De uma maneira geral, podemos dizer que o diálogo entre os historiadores da educação, brasileiros e estrangeiros, é bastante profícuo, especialmente com a produção historiográfica da educação de vertente francesa, portuguesa, espanhola e argentina, conforme assinala o estudo capitaneado por Galvão *et al.* (2008, p. 221). Construímos um significativo referencial na área, que sistematicamente é o suporte dos estudos produzidos. Inovamos quanto aos temas, problemáticas e objetos, integramos grupos de pesquisa. A presença significativa de pesquisadores brasileiros – em eventos nacionais e internacionais – CBHE, ISCHE, Ibero-americanos, Luso-brasileiros; em grupos de pesquisa da Comunidade Européia; em pesquisas conjuntas internacionais; em estágios de pesquisa no exterior – também expressam o avanço da pesquisa na área. Publicações organizadas por pesquisadores brasileiros e estrangeiros têm sido mais recorrentes.

No entanto, é ainda necessário dar visibilidade internacional à produção de pesquisa, especialmente em periódicos estrangeiros da área de História da Educação, que é numericamente pouco expressiva²⁶. Uma das exigências na

²⁵ Ascolani (2008, p. 14) informa que, nos últimos anos na Argentina, também se «tenta fazer História da Educação como história cultural, mas sem recorrer nem dialogar com essa tradição historiográfica prévia, se voltando para a velha história social das ideias, cuja prática parece haver sido deixada como *habitus* formativo na carreira de Ciências da Educação, e que pouco contribui para uma compreensão da configuração sócio-educativa».

²⁶ Ascolani (2008, p. 19) também observa o mesmo fenômeno para a Argentina e ressalta que a presença de articulistas argentinos, muitas vezes, decorre de posições institucionais, por exemplo, presidentes da Sociedade Argentina de Historia de la Educación.

«Avaliação de Periódicos Brasileiros» da ANPED e do *Qualis* da CAPES é que os periódicos tenham «uma média de pelo menos 10% de artigos de autores vinculados à instituição estrangeira». Esse critério «nacional» parece não ter contrapartida externa. Em levantamento nos periódicos – *Histoire de l'éducation*/França (cinco pesquisadores até o momento publicaram no periódico); *Paedagogica Historica*/Bélgica (a presença brasileira é mais significativa, em 31 números – 2003/2013 – localizei 10 artigos de autores brasileiros)²⁷; *Historia de la Educacion – Universidad de Salamanca*/Espanha (de 2002 a 2012, 12 números, foi localizado somente um autor brasileiro – Dermeval Saviani, v.29/2010); *Sísifo*²⁸ – Revista de Ciências da Educação/Portugal (seis autores brasileiros em um dossiê sobre Brasil/Portugal – n.11/2010); *History of Education & Children's Literature* (entre 2006-2015, 16 autores brasileiros estão presentes); *Historia y Memoria de la educación*/Espanha (criada em 2015, com dois números publicados em 2015, um autor brasileiro) – constata-se uma amostra pouco expressiva de artigos assinados por pesquisadores brasileiros da área, o que podemos configurar como uma cartografia da ausência²⁹. A circulação da produção brasileira se faz através de resenhas ou notas de leitura, especialmente no Boletín de Historia de la Educación, da Sociedad Española de Historia de la Educación; nas revistas *Histoire de l'éducation* e *Paedagogica Historica*, resultado de um esforço individual dos pesquisadores fazendo circular suas publicações. Ainda assinalaria o pouco diálogo que os pesquisadores brasileiros da área mantêm com os pesquisadores ingleses, alemães, norte-americanos, o qual na presente década expressa maior emprenho. Esse fato decorre do domínio de língua estrangeira e de circulação dos pesquisadores em outras esferas de produção do conhecimento, como tão bem assinala Moraes (2008).

Na América Latina, há um maior intercâmbio com pesquisadores da Argentina, que têm colaborado com grupos de pesquisa, participado de eventos e contribuído em publicações brasileiras. Constata-se que presença de pesquisadores do Chile, México, Colômbia³⁰, Uruguai³¹ em publicações no Brasil. No entanto,

²⁷ Luciano Mendes Faria Filho escreve três artigos (39/2003-6; 41/2005-6; 49/2013-1); Maria Cristina Menezes (40/2004-1-2); Maria Helena Camara Bastos (41/2005-6); Livia Giacardi (42/2006-5); Maria Iolanda Monteiro e Belmira Oliveira Bueno (44/2008-1-2); Paula Perin Vicentini (44/2008-5); Cíntia Greive Veiga (49/2013-1); René Trentil Silveira (49/2013-2).

²⁸ SISYPHUS – Journal of Education/Institute of Education of the University of Lisbon/Portugal (2013).

²⁹ Para maior detalhamento, ver Bastos (2006).

³⁰ A *Revista Historia de la educación latinoamericana* (Colômbia/Sociedad de Historia de la Educación Latinoamericana) tem estreita ligação com pesquisadores brasileiros da área (de 2004 a 2012, n. 6 ao 19, 12 artigos de autores brasileiros).

³¹ O 19º Encontro da ASPHE – História da educação e culturas do Pampa: diálogos entre Brasil e Uruguai (UFPel) – trouxe dois pesquisadores da UDELAR - Andrea Cantarelli e Agapo Palomeque. A Sociedade Historia de la educación/Suho do Uruguai foi fundada somente em 2007. O primeiro congresso acontecerá em 24 e 25 de junho de 2016, com a temática: «Actualidades y perspectivas de la Historia de

há outros periódicos de associações nacionais – por exemplo, Cuba, Chile, Costa Rica, Venezuela – que não temos mantido contato³².

A ausência de pesquisadores brasileiros em publicações internacionais, especialmente americanas e europeias, com exceção de algumas coletâneas editadas em Portugal, Espanha, leva-nos a refletir sobre nossa relação com o conhecimento por nós produzido. Ainda temos uma atitude de dependência ou de um «colonialismo intelectual»? É interessante assinalar as palavras de Antonio Viñao Frago, no prólogo de «Refúgios do Eu: educação, história, escrita autobiográfica» (2000, p 15), «lo que este libro muestra es, justamente, tanto la influencia de los planteamientos y enfoques de la más reciente historiografía en este campo, como la pujanza y originalidad con que, desde Brasil, se han adoptado tales enfoques adaptándolos a este otro contexto, a decir, haciendo su propia lectura de ellos». Se somos originais e criativos, por que não somos incisivos na busca de espaços em publicações internacionais?

Uma área superlativa como a nossa nos obriga a pensar cuidadosamente no que significa ser historiador da educação e no que é central para nosso ofício. Para Lowe (2005, p. 96), o que nos distingue da história, são três elementos: «a natureza da investigação, o desenvolvimento de uma metodologia particular e a natureza das afirmações feitas pelos historiadores». Mas acrescenta uma pergunta chave – «quantos de nós poderemos dizer, ao final de nossas carreiras, que nossa obra foi vanguardista no sentido que forçou a alunos e políticos a reparar de novo no que haviam feito? Esse continua sendo nosso desafio como historiadores da educação» (2005, p. 101).

Outro desafio é buscar, cada vez mais, entender o campo da história da educação como uma disciplina histórica, um campo setorial da história. Chartier (2007, p. 49) assinala que a «história cultural tem sido um dos campos mais vigorosos e debatidos do âmbito histórico», e acrescenta que é «difícil traçar uma fronteira segura e clara entre a história cultural e outras histórias: a história das ideias, a história da literatura, a história da arte, a história da educação, a história dos meios de comunicação, a história das ciências». É imprescindível o diálogo permanente com a História e com outras ciências, na perspectiva interdisciplinar, para avançarmos como área de produção de conhecimento.

Há a necessidade de o campo alargar as fronteiras disciplinares, como sugere Nóvoa (1998)

A ausência de um modelo teórico consensual e a emergência de um espírito científico que tende a privilegiar os espaços disciplinares de fronteira contribui para o alargamento do repertório metodológico da história da educação, num quadro

la Educación en el Uruguay».

³² Sobre, ver Mora Garcia (2011).

de mobilização de referenciais antropológicos, culturais, linguísticos, psicológicos, sociológicos (Nóvoa, 1998, p. 16).

Como professores e pesquisadores em história da educação, somos «formadores do futuro», o passado e o presente são nossas ferramentas. Assim, temos que ter como premissa profissional a construção de um sentido crítico e de uma atitude analítica interdisciplinar do campo e das várias situações socio-educacionais. Também se faz necessário ampliar o olhar sobre estudos de História da Educação produzidos em outros campos de pesquisa, isto é, para os programas de pós-graduação de História, Filosofia, Psicologia, Sociologia, consideradas ciências matrizes das ciências da educação.

Brandão (2012, p. 364) chama atenção também para a «especialização precoce, cada vez mais frequente nos programas de pós-graduação», que considera um grande risco para a área. A esse fato, acrescentaria a redução do processo de formação, do qual decore estudos e pesquisas pontuais, inviabilizando o diálogo com outros campos disciplinares.

Para concluir essa reflexão, busco apoio nas palavras de Viñao Frago (2003) que sinaliza para a necessidade de «mostrar o passado nos debates, questões e problemas educativos de seu tempo; não só fazer a genealogia do presente, mas também desvelar os usos incorretos do passado, e, sobretudo, as apropriações, mitificações e manipulações do mesmo». A partir desse desafio, gostaria de colocar algumas questões: qual tem sido nossa contribuição, como produtores de conhecimento sobre a História da Educação, para a formulação de políticas educacionais e ações escolares hoje? Mesmo considerando que nossas questões partem do presente, que ressonância têm tido nossas «respostas» para a mudança do quadro de referência. Há uma sensação de que estamos fazendo uma «arqueologia» da nossa história da educação para (re)escrevê-la e para conservá-la tão somente (repertório de fontes, dicionários), como «doutores da memória» escolar e educacional.

Apropriando-me da classificação que Viñao Frago (2003) faz das audiências possíveis para a produção em História da Educação – audiência oficial, audiência social, audiência profissional vinculada à formação de professores, audiência profissional da comunidade científica –, gostaria de levantar alguns questionamentos. Creio que somente na última – audiência profissional da comunidade científica – temos evidenciado um enorme avanço nos últimos anos. Isto é, temos falado para nós mesmo e, para não ser muito dura, em alguns outros fóruns de circulação do conhecimento. Essa situação foi importante para a consolidação do campo de investigação, a partir dos anos 1970, mas precisamos avançar nossas perspectivas de circulação do conhecimento, como condição *sine qua nom* para o fortalecimento do campo e para a conquista de novos espaços

de produção de pesquisa e de formação docente. Uma perspectiva seria de concentrar esforços em pesquisas sincronizadas, ou seja, interinstitucionais, de âmbito nacional e internacional.

Finalizando, o panorama contemporâneo aqui apresentado é um olhar, entre tantos possíveis, para o ensino e a pesquisa em História da Educação no Brasil. Muitos dos desafios que aqui colocamos são para todos os historiadores da educação. Como coloca Santos (2006), «cada lugar é, a sua maneira, o mundo...».

1. Referências

- Alves, C. (1998). Os resumos das comunicações e as possibilidades esboçadas no II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. In Sousa, C., & Catani, D. (Orgs.), *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras.
- Ascolani, A. (2007). Los balances de Historia de la educación em Brasil: optimismo e incertidumbre de una producción expansiva. Comentarios em perspectiva comparada om Argentina e México. In Nepomuceno, M., & Tiballi, E. (Orgs.), *A Educação de seus sujeitos na história*. Belo Horizonte: Argymentvm.
- Ascolani, A. (2008). La investigación reciente en Historia de la Educación argentina. Campo interdisciplinar y problemáticas. In Ascolani, A. (Comp.), *El sistema educativo en Argentina. Estudios de Historia*. Rosário/Ar: Laborde Editor.
- Barreira, L. C. (1995). *História e Historiografia: as escritas recentes da História da Educação Brasileira*. (Tese Doutorado). Campinas, UNICAMP.
- Bastos, M. H. C. (2002). História da educação do Rio Grande do Sul: estado da arte. In: Bastos, M. H. C, Tambara, E., & Kreutz, L. (Orgs.), *Histórias e Memórias da Educação do Rio Grande do Sul* (pp.11-42). Pelotas: Publicações Seiva.
- Bastos, M. H. C, Bencostta, M. L. A., & Cunha, M. T. S. (2004). *Uma cartografia da pesquisa em História da Educação na Região Sul: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul (1980-2000)*. Pelotas: Publicações Seiva.
- Bastos, M. H. C, Bencostta, M. L. A., & Cunha, M. T. S. (2005). A Pesquisa em História da Educação nos programas de Pós-graduação em educação da Região Sul (1970-2000). In Gondra, J. G. (Org.), *Pesquisa em História da educação no Brasil* (pp. 243-288). Rio de Janeiro: FAPERJ/DP&A Editora/CNPq.
- Bastos, M. H. C. (2006). A Pesquisa em História da educação em revista. In Schelbauer, A. R., Lombardi, J. C., & Machado, M. C. G. (Orgs.), *Educação*

- em debate: perspectivas, abordagens e historiografia* (pp.99-128). Campinas/SP: Autores Associados.
- Bastos, M. H. C. (2009). Pense globalmente, pesquisa localmente? Em busca de uma mediação para a escrita da História da Educação. In Mendonça, A. W. et al. (Org.), *História da Educação. Desafios teóricos e empíricos* (pp. 67-92). Niterói/RJ: Editora UFF.
- Bastos, M. H. C. (2011a). Pedagogias e manuais. Leituras cruzadas. Os manuais de História da Educação adotados no Brasil (1870-1950). In Bestani, R. M., Brunetti, P., Sánchez, A. M. M., & Flachs, M. C. V. (Comps.). (2011), *Textos, Autores y Bibliotecas. 190 años de la Biblioteca Mayor de la UNC* (pp. 493-512). Córdoba/AR: UNC/Biblioteca Mayor.
- Bastos, M. H. C. (2011b). A Caixa de Pandora: desafios do ensino e da pesquisa em História da Educação no Brasil. In Freitas, A. G. B., Oliveira, L. E. M. de, Nascimento, J. C. do, & Nascimento, E. F. C. do. (Orgs.), *O Ensino e a Pesquisa em História da Educação* (pp. 73-96). Maceió: Edufal.
- Bastos, M. H. C., & Almeida, D. B. (2013). Um Protocolo para a pesquisa em História da Educação: espaços, sujeitos e circulação. *Educação e Cidadania*, 12, 19-29.
- Baia Horta, J. S. (2012). A pesquisa e o ensino de História da Educação no Brasil: Onde fica a Política? In Simões, R. H. S., & Gondra, J. G. (Orgs.), *Invenções, Tradições e Escritas da História da Educação* (pp. 123-171). Vitória/ES: SBHE/UFES.
- Bontempi Jr., B. (2000). A historiografia da educação em Portugal e no Brasil: convergências e desafios. *Contemporaneidade e Educação, ano V*(7-1ºsem.), 34-50.
- Bontempi Jr., B. (2002). História da Educação Brasileira: o terreno do consenso. In Freitas, M. C. (Org), *Memória Intelectual da Educação Brasileira* (pp. 75-88). Bragança Paulista: CDAPH/Ed. USF.
- Borges, B. G., & Gatti Jr., D. (2010). O Ensino de História da Educação na Formação de Professores no Brasil atual. *Revista HISTEDBR Online*, 40, 24-48.
- Brandão, Z. (1998). A Historiografia da Educação na Encruzilhada. In Saviani, D., Lombardi, J., & Sanfelice, J. (Orgs.), *História e História da Educação. O debate teórico-metodológico atual* (pp. 100-114). São Paulo: Autores Associados.
- Brandão, Z. (2012). História da Educação e Ciências Sociais: desafios atuais. In Simões, R. H. S., & Gondra, J. G. (Org.), *Invenções, Tradições e Escritas da História da Educação* (pp. 357-357). Vitória: SBHE; Ed.UFES, v. 12.

- Buffa, E. (2015). *Os 30 anos do GT História da Educação: sua contribuição para a constituição do campo. Anais da 37ª Reunião Anual da ANPed. Plano Nacional de Educação: Tensões e perspectivas para a educação pública brasileira*. Florianópolis: UFSC. CdRom. 23 p.
- Carvalho, L. R. de. (2001). A educação brasileira e a sua periodização. *Revista Brasileira de História da Educação*. SBHE, 2(jul/dez), 137-152.
- Carvalho, M. M. C. de. (1998). A Configuração da Historiografia Educacional Brasileira. In Freitas, M. de (Org.), *Historiografia Brasileira em Perspectiva* (pp. 329-353). São Paulo: Contexto.
- Carvalho, M. M. C. de. (2000). L'histoire de l'éducation au Brésil: traditions historiographiques et processus de rénovation de la discipline. *Paedagogica historica – Internacional Journal of the History of Education*, 36(3), 909-933.
- Catani, D. B., & Faria Fº, L. M. de. (2001). *Um lugar de Produção a produção de um lugar. História e historiografia da educação Brasileira nos anos 80 e 90 – a produção divulgada no GT História da Educação*. Caxambu: ANPED.
- Chartier, R. (2007). *La historia ou la lectura del tempo*. Barcelona/ES: Gedisa.
- Chartier, R. (1990). *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel.
- Compère, M. M. (1995). *L'Histoire de l'éducation em Europe. Essai comparatif sur la façon dont elle s'écrit*. Paris: Peter Lang/INRP.
- Cunha, Maria Teresa Santos (1999). Nas margens do instituído: Memória/Educação. *História da Educação*. ASPHE/FaE/UFPel. Pelotas, 5(abril), 39-46.
- Duby, G. (1998). *Ano 1000 – Ano 2000. Na pista dos nossos medos*. São Paulo: UNESP.
- Escolano Benito, A. (1994). La investigación histórico-educativa y la formación de profesores. *Revista de Ciencias de la Educación*, 157, 55-59.
- Escolano Benito, A. (1997). La historiografía educativa. Tendencias generales. In Gabriel, N., & Viñao Frago, A. (Eds.), *La investigación histórico-educativa* (pp. 51-84). Barcelona: Ed. Ronset.
- Faria Fº, L., Gonçalves, I. A., Vidal, D. G., & Paulilo, A. L. (2003). A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. *Educação e Pesquisa*, 30(1), 139-159.
- Freitas, A. G. B. de et al. (Orgs.). (2011). *O Ensino e a Pesquisa em História da Educação*. Maceió: EdUFAL.
- Fonseca, T. N. de L. e. (2008). História da Educação e História Cultural. In Veiga, C. G., & Fonseca, T. N. L. (Orgs.), *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica.

- Galvão, A. M. O., Moraes, D., Gondra, J. G., & Biccias, M. S. (2008). Difusão, apropriação e produção do saber histórico: a Revista Brasileira de História da Educação (2001-2007). *Revista Brasileira de História da Educação*, 16, 171-234.
- Gatti Jr., D., & Inácio Fº, G. (Orgs.). (2005). *História da Educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EdUFU.
- Genovesi, G. (1996). A historiografia da educação hoje: tendências e problemas. *Educação & Sociedade*, ano XVII(54), 14-33.
- Gondra, J. G. (Org.). (2005). *Pesquisa em História da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ/DP&A Editora/CNPq.
- Hernández Huerta, J. L., Cagnolati, A., & Diestro Fernández, A. (Eds.). (2015). *Connecting History of Education. Scientific Journals as International Tools for a Global Word*. Salamanca: FahrenHouse.
- Horta, J. S. B. (2012). A Pesquisa e o Ensino de História da Educação no Brasil: onde fica a política? In Simões, R. H. S., & Gondra, J. G. (Org.), *Invenções, Tradições e Escritas da História da Educação* (pp. 123-171). Vitória: SBHE; Ed.UFES.
- Lopes, E. M. T., & Galvão, A. M. (2001). *História da Educação. O que você precisa saber...* Rio de Janeiro: DP&A.
- Lopes, Eliane Marta Teixeira, & Faria Fº, Luciano Mendes (Orgs.). (2005). *Pensadores Sociais e História da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, v.1.
- Lopes, Eliane Marta Teixeira, & Faria Fº, Luciano Mendes (Orgs.). (2012). *Pensadores Sociais e História da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, v.2.
- Lowe, R. (2005). ¿Necesitamos todavía una Historia de la Educación: es ésta central o periférica? In Lorenzo, M. F. (Ed.), *Repensar la historia de la educación. Nuevos desafíos, nuevas propuestas* (pp. 83-104). Madrid: Biblioteca Nueva.
- Martins, E. C. (2004). Os caminhos da historiografia educativa portuguesa: da História à Educação. *História da Educação*. ASPHE/Pelotas, 8(16), 25-44.
- Martinho, A. M. M. (2000). A História da Educação na formação de professores. *Máthesis*, 9, 279-296. www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/Mathesis.
- Mora Garcia, J. P. (2011). Aproximación a una historia comparada de historia de la educación em América Latina; caso: Argentina, Brasil, Colombia y Venezuela. *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, 13(17), 139-174.
- Moraes, M. C. M. (2008). Entrevista. *Revista Brasileira de Educação/ANPED*, 13(38), 369-386.

- Nóvoa, A. (2007). La pédagogie, les enseignements et la recherche: réflexions em chantier (Parte III). Commentaires sur la place et l'état de la recherche em educação. *Cadernos de Educação/FAE-PPGE/UFPEL*. Pelotas, 29, 11-30.
- Nóvoa, A. (1998). L'histoire et l'histoire de l'éducation (Réflexions à propos de l'historiographie américaine. In Nóvoa, A., *Histoire & Comparaison* (Essais sur l'Éducation) (pp. 13-50). Lisbonne: Educa.
- Nunes, C. (1998). Locus da Produção da História da Educação hoje. In Fernandes, R., & Adão, Á. (Orgs.), *Leitura e escrita em Portugal e no Brasil (1500-1970)*. Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (pp. 579-588). Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Vol. III.
- Nunes, C. (1989). Pesquisa histórica: um desafio. *Cadernos ANPED*, 2, 37-47.
- Nunes, C., & Carvalho, M. C. (1993). Historiografia da Educação e Fontes. *Cadernos ANPED*, 5, 7-64.
- Nunes, C. (2011). A indissociabilidade do ensino e da pesquisa em História da Educação: a reflexão continua. In Freitas, A. G. B., Oliveira, L. E. M. de, Nascimento, J. C. do, & Nascimento, E. F. C. do. (Orgs.), *O Ensino e a Pesquisa em História da Educação* (pp. 97-112). Maceió: Edufal.
- Ragazzini, D. (1999). Os estudos histórico-educativos e a História da Educação. In Sanfelice, J., Saviani, D., & Lombardi, J. (Org.), *História da Educação. Perspectivas de um intercâmbio internacional* (pp. 15-27). São Paulo: Autores Associados/HISTEDBR.
- Santos, M. (2006). *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 9ª ed.
- Saviani, D., & Lombardi, J. C. (2001). Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR): histórico e situação atual. *Educação em revista*. Belo Horizonte, 34, 135-146.
- Stephanou, M., & Bastos, M. H. C. (2005). História, memória e história da educação. In Stephanou, M., & Bastos, M. H. C. (Orgs.), *Histórias e Memórias da Educação no Brasil* (pp. 416-429). Petrópolis: Vozes, v. III.
- Tambara, E. (1998). Problemas teórico-metodológicos da História da Educação. In Saviani, D., Lombardi, J., & Sanfelice, J. (Orgs.), *História e História da Educação. O debate teórico-metodológico atual* (pp. 79-87). São Paulo: Autores Associados.
- Tanuri, L. M. (1998). Historiografia da Educação Brasileira: Contribuição para o seu estudo na década anterior à instalação dos cursos de Pós-Graduação. *História da Educação*. ASPHE. Pelotas, 2(3), 139-153.
- Veiga, C. G., & Fonseca, T. N. L. (2008). *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica.

- Velloso, J. (1999). *Quem pesquisa o quê em Educação 1998*. Brasília/São Paulo: ANPEd.
- Vidal, D. G., & Faria Fº, L. M. de. (2003). História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). *Revista Brasileira de História*. ANPUH/Humanitas, 23(45), 37-70.
- Vidal, D. G., & Faria Fº, L. M. de. (2004). História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). *Revista de Educação*. Universidade de Lisboa/Portugal, XII(24), 103-121.
- Viñao Frago, A. (2000). A modo de prologo, refugios del yo, refugios de outros. In Mignot, A. C. V., Bastos, M. H. C., & Cunha, M. T. S., *Refugios do eu: educação, história, escrita autobiográfica* (pp. 9-15). Florianópolis: Mulheres.
- Viñao Frago, A. (2003). La Historia de la Educación ante el siglo XXI: tensiones, retos y audiencias. *Etnohistoria de la escuela. XII Coloquio Nacional de Historia de la Educación* (pp. 1063-1074). Burgos: Universidad de Burgos y Sociedad Española de Historia de la Educación.
- Warde, M. (1998). Questões teóricas e de Método: a História da Educação nos marcos de uma História das Disciplinas. In Saviani, D., Lombardi, J., & Sanfelice, J. (Orgs.), *História e História da Educação. O debate teórico-metodológico atual* (pp. 88-99). São Paulo: Autores Associados.
- Warde, M. (1999). Historiografia da Educação Brasileira: Contribuição para o seu estudo na década anterior à instalação dos cursos de Pós-Graduação. In Monarcha, C. (Org.), *História da Educação Brasileira. Formação do campo* (pp. 147-168). Ijuí: Ed.Unijuí.
- Warde, M., & Carvalho, Marta M. Chagas. (2000). Política e Cultura na produção da história da educação no Brasil. *Contemporaneidade e Educação, ano V*(7), 9-33.

page intentionally blank